



## A RESSIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E DA CIDADANIA *MBYÁ-GUARANI* - UMA EXPERIÊNCIA NETNOGRÁFICA

Roberta Herter da Silva<sup>1</sup>  
Norberto Kuhn Júnior<sup>2</sup>

### RESUMO

Esse trabalho objetiva analisar como os indígenas da *Tekoá Yakã Jú*<sup>3</sup>, da etnia *Mbyá-Guarani*, comunidade indígena que localiza-se no município de Santo Ângelo, na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, se mostram ao “outro” nas redes sociais e como utilizam essas ferramentas para manutenção do seu “*nhadereko*”<sup>4</sup>. A pesquisa é fruto da experiência netnográfica, que se consistiu em imersão no campo virtual, escritas de diário e observação participante. A partir dessa experiência é possível chegar à conclusão que as redes sociais, principalmente o *facebook*, cumprem uma função histórica, não somente de salvaguardar, mas especialmente na construção da memória da cultura *Mbyá-Guarani*, ressignificando a sua diferença cultural. São instrumentos imprescindíveis à conquista de melhores condições de vida para os indígenas, enquanto ferramenta de construção da cidadania *Mbyá-Guarani*.

**Palavras-chave:** Identidade *Mbyá-Guarani*; Ressignificação; Memória; Netnografia.

### INTRODUÇÃO

A partir da ampliação dos contextos interativos, vive-se a expectativa que todos os segmentos da sociedade possam expressar suas contribuições à construção de um Estado multicultural, na busca da revisão de preconceitos e do respeito pelas diferenças culturais, idealmente aproximadas pela via da comunicação.

Ser protagonista da rede global de comunicação também é a expectativa dos indígenas *Mbyá-Guarani*. Assim, a ampliação dos contextos interativos representa, para os indígenas da *tekoa Yakã Jú*, um duplo desafio, o de viabilizar seu espaço de protagonismo diante dos contextos interativos, e, de outro lado, o de construir a memória e a cidadania *Mbyá-Guarani* e ressignificar sua diferença cultural.

---

<sup>1</sup>Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade FEEVALE. Mestra em Direito, com concentração em Direitos Humanos pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ (2014). Advogada. Contato: roberta.h.s.\_@hotmail.com

<sup>2</sup>Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996). Professor da Universidade Feevale. Contato: nkjunior@feevale.br

<sup>3</sup>Aldeia Rio Ijuí. Tradução para a língua portuguesa do nome da aldeia.

<sup>4</sup>Na língua guarani significa “costumes”.

Para tanto, foi necessário a utilização da netnografia, como metodologia de pesquisa. Essa se consubstancia numa técnica de pesquisa, um ramo da etnografia que analisa o comportamento de indivíduos e grupos sociais na internet e as dinâmicas desses no ambiente virtual. Assim, são utilizados os conceitos da etnografia tradicional no ambiente virtual. A netnografia pode ser considerada uma das ferramentas metodológicas capazes de proporcionar o acesso dos pesquisadores às caracterizações específicas da contemporaneidade, sobretudo a virtualidade, a desmaterialização, formas de relacionamentos, entre outras.

### **1. Identidade Cultural Mbyá-Guarani**

Os povos tradicionais, inclusive os povos indígenas, possuem uma forma diferenciada de se constituírem enquanto sujeitos, de definirem a sua posição no mundo, e conseqüentemente, as formas de relacionamento com o outro e com a sua diferença. Possuem características de serem grupos humanos diferenciados sob o ponto de vista cultural, que reproduzem historicamente seu modo de vida, com base na cooperação social (DIEGUES; ARRUDA, 2001).

Muñoz (2003, p. 288) enfatiza a importância dos mitos e sonhos na transmissão dos saberes indígenas, guiando esses povos por meio de mensagens espirituais e revelando os significados mais profundos de sua sabedoria. A oralidade é abordada por Silva (2010, p. 86), que identifica nas narrativas dos povos indígenas um tratamento integrado das diversas dimensões da vida, em que a mística é inseparável dos processos de apreensão do mundo.

A aprendizagem se dá pela oralidade, assim, Faustino (2010, p. 70) acerca do povo Guarani evidencia que a educação é compreendida como um dom sagrado, recebido de “*Nhanderu*”<sup>5</sup>, contendo regras complexas de conduta e de relação com outros seres, as quais precisam ser exercitadas durante a vida inteira, por meio da mediação dos mais velhos.

É possível analisar que a tradicional forma de transmissão do conhecimento indígena Guarani, é a oralidade, por meio do idoso originário, dessa forma, a sobrevivência da cultura depende, principalmente da oralidade dos membros da família, em especial dos idosos. Isso ocorre porque os povos originários, os indígenas, construíram a história por meio da memória, por meio da oralidade dos mais velhos que relatam sobre o passado da etnia, revelam e criam

---

<sup>5</sup> Na língua guarani significa o criador de todas as coisas.



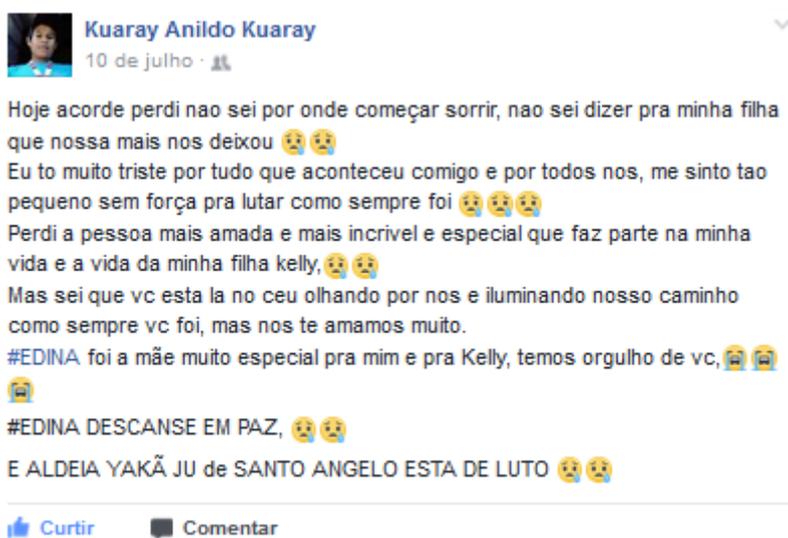
um vínculo entre os jovens e sua história. O que é significativamente importante para a expansão do idioma guarani e para a preservação cultural.

Os mais velhos da aldeia contam com um valor especial para os indígenas, porque podem ser considerados os fios condutores da memória, da cultura, da língua, dos costumes, dos rituais e da mitologia. Dentre os mais velhos, é possível destacar os pajés, que são os líderes espirituais que oralmente transmitem os conhecimentos de seu povo para os mais jovens. Os mais velhos são respeitados por sua sabedoria diante das inquietudes vivenciadas pelos mais jovens, são consultados enquanto líderes sobre as mais variadas situações políticas e espirituais de seu povo, principalmente pelo cacique, o líder político do grupo.

O envelhecimento humano é algo que atravessa todas as culturas e povos e na maior parte das sociedades indígenas a transmissão dos elementos culturais como a mitologia, os rituais e os costumes é feita oralmente e são os idosos que desempenham essa função fundamental para a sobrevivência da cultura.

Na cultura *Mbyá*-Guarani é importante destacar o fato de que o envelhecimento humano não é compreendido da mesma forma que na sociedade envolvente. Assim, o processo de envelhecimento humano ao que parece não é compreendido apenas sob a perspectiva biológica, mas principalmente social e cultural. Ou seja, o idoso não se torna um “fardo” para a sociedade indígena, não há exclusão social do indivíduo quando ele se encontra nessa fase da vida, muito pelo contrário, mas essa fase aponta outras possibilidades de contribuição do indivíduo ao grupo social, isso porque, as contribuições do indígena ultrapassam o caráter produtivo.

Quando o cacique Anildo em sua página pessoal da rede social *facebook* lamenta o falecimento de sua tia Edina Romeu, irmã de seu pai, que assumiu o papel de sua mãe na orientação aos mais jovens na aldeia, posteriormente ao falecimento da mãe biológica do cacique. O jovem cacique refere com tristeza que a tia era muito importante para todos da aldeia, inclusive todas as noites e manhãs os integrantes da aldeia reuniam-se na casa desta para ouvir seus ensinamentos (diário de campo, 18 de julho de 2017).



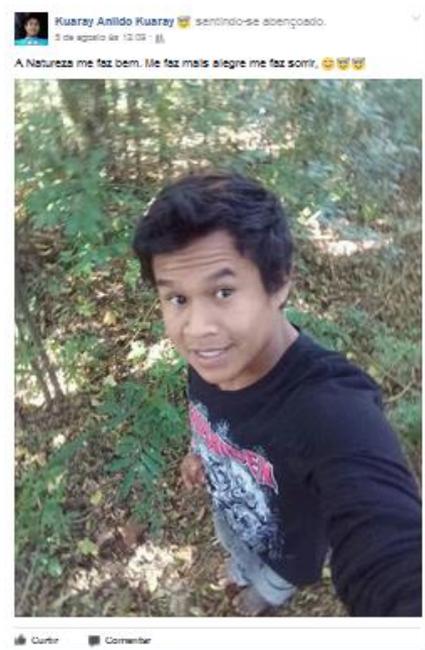
Fonte: imagem da página pessoal do *facebook* do interlocutor Anildo Romeu.

O cacique refere nessa postagem que não sabe como contar para sua filha Kelly, que a tia, que era considerada como mãe para todos da aldeia, havia falecido. Enfatizou que devido a isso, estava sem força para prosseguir sua luta, que se referia aos direitos dos *Mbyá-Guarani*, e ao final da postagem que a tia sempre cuidou de todos da aldeia e agora, estando no céu, continuará cuidando.

Assim, ao que parece, o relacionamento dos mais velhos com os mais jovens na cultura *Mbyá-Guarani* propõe um círculo de amizade, aprendizagem e respeito mútuo. Outro aspecto interessante a ser analisado da cultura indígena é o fato de que os descendentes *Mbyá-Guarani* da aldeia *Yakã Jú* mantêm a tradição nômade de seu povo e alguns membros se transladam a outras aldeias Guarani, orientados pelo Pajé, que geralmente são indígenas mais velhos, que possuem vivências e adquiriram muita experiência, a qual é necessária para o enfrentamento das dificuldades cotidianas desse povo.

A intrínseca relação com os elementos naturais também são características dos povos indígenas e não diferente dos *Mbyá-Guarani*. Tempass (2005) salienta que os *Mbyá-Guarani* se consideram guardiões da natureza, com seu modo de ser, o seu *nhandereko*, fundamentado em um respeito à diversidade, sendo sua sustentabilidade, em grande parte, proveniente das matas, por meio de coletas em que é retirado somente o necessário para a utilização, com o corte na época em que as plantas brotam mais facilmente e o cuidado para que não haja esgotamento das espécies.

Essa intrínseca relação com o meio ambiente é intrínseca na fala dos Mbyá-Guarani da aldeia Yakã Jú, inclusive nas postagens do cacique em sua página de rede social.



Fonte: imagem da página pessoal do *facebook* do interlocutor Anildo Romeu.

O cacique, com os pés descalços ao solo, após fazer uma “*selfie*”, externa, com um sorriso nos lábios, em sua página de rede social, que se sente abençoado por estar próximo a natureza, deixando clara a imprescindibilidade do meio ambiente para a cultura. A continuidade da sabedoria ancestral *Mbyá-Guarani* se dá a partir da vivência cotidiana comunitária, com fundamentos espirituais, ritualísticos, ecológicos e artísticos, em um modo de ser que está intimamente conectado com a existência da aldeia, que em guarani significa *tekoá*, que é o espaço onde vivem coletivamente e necessitam ter elementos naturais, como fonte de água, terra apropriada para plantio e áreas de mata, com disponibilidade de lenha, frutas, ervas para uso medicinal e matéria-prima para construção do artesanato.

## 2. Os indígenas *Mbyá-Guarani* da aldeia *Yakã Jú* e a utilização das mídias

A internet se destaca pelo modo ágil e instantâneo como as informações podem ser publicadas e dispersas por todo o mundo, não são mais fixas a um ambiente físico e são, muitas vezes, acessíveis a maioria das pessoas por tempo indeterminado. A internet possibilitou uma grande interação entre os usuários, até então não exploradas pelos meios de comunicação convencionais.



Desse modo, devido a seu caráter de alcance espacial ilimitado, a internet modifica as coordenadas dos conceitos de território e comunidade. Assim, simultaneamente surge o indivíduo que está enraizado num lugar físico e, por outro lado, suspenso na pluralidade de espaços que a navegação em rede lhe permite (SILVA, 1999, p. 5). Na aldeia *Yakã Jú* os indígenas *Mbyá-Guarani* são afetados pela profusão das mídias e utilizam de aparatos tecnológicos como *smartphones* para acesso a redes sociais como *facebook*.

Para a compreensão acerca da utilização dos *smartphones* nesse trabalho é imprescindível a filiação à interpretação teórica de Bourdieu (2006), de que, além de suas funções utilitárias, o produto assume significado simbólico, servindo à construção da identidade, à inserção no grupo e à distinção entre os membros de um mesmo grupo social.

Assim, é possível identificar o uso dos *smartphones* pelos indígenas como uma forma de suprir as necessidades de conectividade, ou seja, um meio de manter-se em contato constante com a família e amigos, associado ao sentimento de pertencimento ao grupo. Os *smartphones* podem ser considerados artefatos-símbolo da contemporaneidade, o que implica considerar o caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo conforme alertado por Bourdieu (2006).

Dessa maneira, muito além da mera função utilitária, os *smartphones* carregam significados, daí seu caráter simbólico, e atuam como sistema de comunicação, de aproximação. Os indígenas os utilizam para constituir a si mesmos e ao mundo, criando desta forma um universo compreensível. Assim, podem ser considerados como artefato- símbolo de pertencimento a um grupo e parte da identidade de um indivíduo.

Bauman (2001, p. 149) compreende os pertences portáteis ou descartáveis como os principais objetos culturais da era da instantaneidade. Mary Douglas e Baron Isherwood (2004) entendem que os consumidores, ao consumirem determinado produto, também estão consumindo toda uma gama de significados simbólicos que expressam pertencimento ao mundo social. E embora sempre sujeitos a determinados padrões de consumo e convenções sociais pré-estabelecidos, têm a capacidade de manipular os bens simbólicos dentro de regras e códigos culturais elaborados por eles mesmos (DOGLAS; ISHERWOOD, 2004).

A forma como se dá a utilização de celulares e *smartphones* é determinado pelo ambiente social e cultural, assim, ocorrem apropriações e reapropriações dessa tecnologia a partir de especificidades locais, o que demonstra que as práticas de consumo, muito além da posse de bens, estabelecem modos de ser e viver que interagem com a construção de



subjetividades, pois funcionam como instâncias mediadoras das emoções e mantenedoras dos laços sociais.

É possível refletir acerca do fato de que possivelmente utilizam o *smartphones* para estabelecer redes de relacionamentos, utilizam inúmeras estratégias de formação dessas redes, sendo os meios de comunicação um importante instrumento para a criação de comunidades espirituais, a busca por parceiros sexuais, estratégias de sobrevivência adotadas como em solicitar ajuda financeira de parentes ou amigos em melhores condições financeiras.

Para McLuhan (1971) o telefone celular pode ser pensado como uma extensão do corpo humano, tanto em termos de novas concepções de corporalidade, quanto de novas práticas sociais e culturais. Segundo o autor, o consumo desse aparato tecnológico desempenha um papel importante na construção de imaginários, de identidades e do mundo social, as quais dão conta de similaridades e especificidades locais na apropriação de uma tecnologia global.

A centralidade que os *smartphones* adquiriram na vida cotidiana aponta para sua consolidação como uma forma importante de inclusão simbólica dos atores sociais em uma lógica de contemporaneidade que é fortemente marcada pela instantaneidade, pela mobilidade e pela virtualidade. Nesse sentido, possuir um *smartphone*, e ter acesso as redes sociais, torna-se uma maneira de estar no mundo e ser protagonista de sua história, mediada pelas tecnologias de comunicação e informação, que é cada vez mais característica da cultura contemporânea.

A atuação dos meios de comunicação representa para Thompson (2008) a ampliação dos contextos interativos, cuja consequência é a interferência na reorganização dos padrões de interação social dos indivíduos. Segundo Thompson (2008), a tradição não é coisa do passado, porque o seu caráter mutável está ligado à mídia que a reelabora, mantendo-a viva, ou seja, presentificando o passado, à medida que se reporta a determinadas realidades sócio culturais.

As tradições não correm o risco de “perder suas raízes” e desaparecer, segundo Thompson (2008), mas passam por um processo de transformação, sendo cultivadas de novas formas, em outros contextos interativos. Thompson (2008) chega à tese da nova ancoragem da tradição, segundo o autor, a tradição não se limita mais aos contextos práticos da vida cotidiana, mas tem como característica ter se expandido, se renovado e sido ancorada em novos contextos interativos, que vão bem além dos limites das situações de origem.

Nesse ínterim, os indígenas da aldeia *Yakã Jú* não deixaram de vivenciar os seus costumes, seu *nhadereko*, como por exemplo, a realização das cerimônias de batismo, que



acontecem com a presença de todos cantando e dançando, no plantio de alimentos, na pesca, no ensaio diário do coral, na língua guarani falada por todos da aldeia, na conservação diária do fogo aceso, entre outros exemplos, que foram presenciados durante a experiência etnográfica.

Nesse sentido, a nova ancoragem da tradição, tese de Thompson (2008), consiste, entre outras formas de ocorrência, no fato dos indígenas *Mbyá*-Guarani poderem vivenciar as suas tradições diante dos contextos interativos, conseguindo, ao mesmo tempo, registrar a memória da sua cultura, tanto para a sociedade indígena e seus descendentes, quanto para a sociedade envolvente. Segundo Thompson (2008) as sociedades indígenas se apropriem dos recursos tecnológicos, para dar novos sentidos às suas práticas tradicionais.

As tecnologias de informação consistem contemporaneamente em extraordinárias estratégias de luta e resistência, podendo contribuir tanto no processo de organização social da população indígena, bem como na difusão de aspectos culturais indígenas, no intuito de preservar e fortalecer a cultura destes povos.

### **3. A resignificação da identidade indígena e da construção da memória da cultura *Mbyá*-Guarani**

O preconceito difundido na mídia brasileira acerca do suposto “primitivismo” ou da “fragilidade” das culturas indígenas é o que, provavelmente, justifica o paternalismo sobre o destino dos indígenas, como afirmou o sociólogo e cientista político Hélio Jaguaribe quando ocupou os meios de comunicação para declarar que,

*o Brasil não terá índios no final do século XXI (...) E por que isso? Pela razão muito simples que consiste no fato de o índio brasileiro não ser distinto das demais comunidades primitivas que existiram no mundo. A história não é outra coisa senão um processo civilizatório, que conduz o homem, por conta própria ou por difusão da cultura, a passar do paleolítico ao neolítico e do neolítico a um estágio civilizatório (1994).*

Essa versão etnocêntrica da história brasileira que envolve o relacionamento com as sociedades indígenas não é confirmada pela história contemporânea. Segundo Jaguaribe (1994), o futuro da cultura indígena seria conduzido à absorção por conta própria ou por difusão de elementos da cultura envolvente. Para o sociólogo o uso de equipamentos eletrônicos pelos indígenas se consubstanciava como um sinal de assimilação e perda de identidade cultural (JAGUARIBE, 1994).

É possível refletir acerca das implicações dos avanços tecnológicos que estão à disposição dos indígenas e apreendidos por esses. Não é possível considerar que representem, por si só, um progresso rumo ao estágio que o sociólogo Jaguaribe denominou “civilizado”. Isso porque, as articulações indígenas, por meio dos recursos tecnológicos, experimentam uma nova forma de organização que aliam a utilização das tecnologias de informação com a ideia de rede ou teias apresentada por Alvarez, Dagnino e Escobar (2000).

A ideia de rede ou teia trazida pelos autores representa o estabelecimento dos múltiplos laços e imbricações entre grupos sociais e indivíduos. Assim, é possível falar num alcance cultural e político dos recursos tecnológicos que ultrapassa as fronteiras do território das aldeias. Neste sentido, a distância entre estas passa a ser menor com a utilização das redes sociais, da mesma forma que a articulação com outros movimentos e grupos sociais se torna possível. O conceito de comunidade não se restringe mais ao território físico e a prática social e comunicativa realizada dentro de um espaço geográfico limitado.

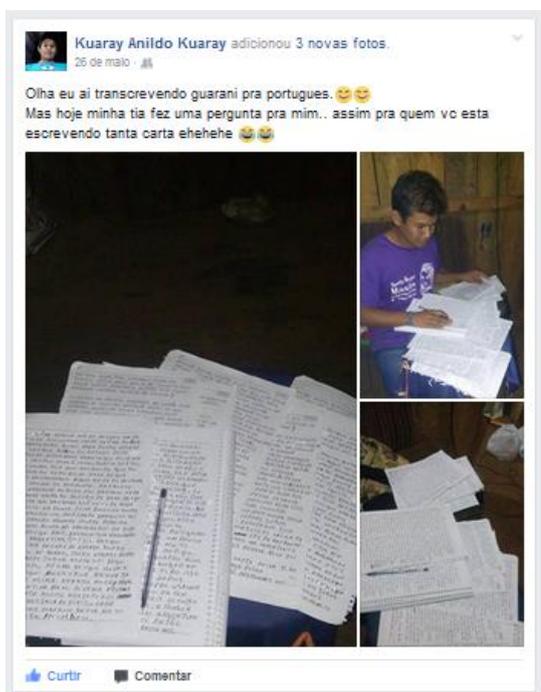
De certo modo é possível, romper com a ideia da perda de identidade cultural, a partir da apropriação pelos indígenas de aparatos tecnológicos em seu cotidiano. Os *Mbyá-Guarani* passam a se expressar por meio da utilização dos *smartphones*, com acesso a redes sociais como o *facebook*, isso porque, o contato dinâmico com as redes digitais é uma forma também de registrar, manter e globalizar as tradições indígenas.

É possível visualizar isso, quando em 3 de maio de 2017, durante um importante evento que ocorreu na cidade, o cacique Anildo publica em sua página pessoal do *facebook* a apresentação do coral, que ensaiam diariamente na aldeia, com a finalidade de divulgação da cultura *Mbyá-Guarani*.



Imagem: página pessoal da rede social do cacique Anildo.

De acordo com Peruzzo, em se tratando de comunicação contra-hegemônica, a mídia retira os indígenas do papel de meros espectadores ou ouvintes e os coloca como difusores e produtores de conteúdo (PERUZZO, 2008). A internet ajuda a romper limites geográficos, quebrando a ideia de que a comunicação está restrita a um limite territorial. Nesse sentido também, o cacique divulga em sua página de rede social seu esforço em transcrever da língua guarani para a língua portuguesa, uma espécie de dicionário guarani-português, como é possível visualizar na imagem abaixo:



Fonte: imagem da página pessoal do cacique Anildo.

Peruzzo (2008) situa a questão do direito à comunicação enquanto dimensão dos direitos humanos, como dimensão específica de direitos, de quinta geração, ou dimensão comunicacional da cidadania. A categoria de direitos de quinta dimensão conforme José Adércio Sampaio Leite pode ser considerada “como o sistema de direitos que anda a incorporar os anseios e necessidades humanas que se apresentam com o tempo, há quem fale já de uma quinta geração dos direitos humanos com múltiplas interpretações” (2002, p. 302). Muitos doutrinadores enquadram os direitos humanos de quinta geração como sendo os que envolvem a cibernética e a informática. Assim, segundo Peruzzo,

a concepção de direito humano à comunicação se renova, principalmente, por enfatizar a dimensão do acesso ao poder de comunicar, pois, implica do



empoderamento das tecnologias e demais condições necessárias a sua concretização (2013, p. 56).

Desse modo, segundo a autora, é preciso, pois, democratizar o poder de comunicar, assegurando o direito de acesso do cidadão e de suas organizações coletivas aos meios de comunicação social na condição de emissores, produtores e difusores, de conteúdos (PERUZZO, 2013, p. 56). De acordo com Peruzzo,

a comunicação como direito no mesmo nível dos demais direitos, como os de moradia digna, educação, saúde e assim por diante. Nesse sentido, ele significa um fenômeno específico, o direito de isonomia (igualdade de direitos) e isegoria comunicacional (liberdade para expressar e direito de ser ouvido). Ao mesmo tempo, serve de mediação para a conquista de outros direitos. Em outros termos, a comunicação pode contribuir nos processos de conhecimento, organização e ação com vistas a assegurar o cumprimento de todos os direitos humanos (2013, p. 56).

Os próprios indígenas veem a comunicação por meio da rede como uma forma de se integrarem ao mundo globalizado sem perder suas raízes, perpetuando suas tradições e divulgando-as para o resto do mundo (PEREIRA, 2008). Os indígenas da aldeia *Yakã Jú* utilizam-se muito da rede social *facebook* para comunicação e divulgação da cultura.

Essa é uma forma de afirmar a presença indígena no ambiente digital, inserindo o cotidiano e a cultura desses povos dentro da cidade, da mesma, se apropriando desse espaço, sem que se percam de suas tradições. Mariano Benitez, que em sua página de rede social se chama *Karáí Marianito Benitez*, sempre que vai à cidade procura fazer *check-in* nos lugares que frequenta, sendo assim, na grande maioria das postagens de sua página encontra-se em sorveterias, restaurantes, lojas, entre outras. Como por exemplo, na imagem abaixo em que o indígena frequentou em 12 de maio uma *croissanterie*.



Fonte: página pessoal do *facebook* de Mariano.

Mas ao mesmo tempo em que Mariano demonstra, por meio de sua página de rede social, que os indígenas se apropriam dos espaços da cidade, de outro lado, também utiliza essa mídia para divulgação do coral indígena, como é possível observar na imagem abaixo:



Imagem: página pessoal do *facebook* de Mariano.

Da mesma forma, Mariano utiliza essa mídia para demonstrar seus gostos, principalmente pela *Byta*, espécie pudim de milho, alimento indígena.



Fonte: página pessoal do *facebook* de Mariano.

Peruzzo também chama a atenção para a comunicação vinculada às lutas mais amplas de segmentos empobrecidos da população, embora muito organizados, que tem a finalidade de contribuir para solucionar problemas que afetam o dia-a-dia das pessoas e a ampliar os direitos de cidadania (PERUZZO, 2008, p.2).

Segundo a autora a comunicação ajuda a ampliar a efetivação dos demais direitos de cidadania, porque contribui para gerar conhecimento e para mudar as condições concretas de existência (PERUZZO, 2013), além disso, serve para o fortalecimento das redes e como consequência, da própria identidade cultural, devido a seu caráter mobilizador.

Assim, os meios de comunicação podem ser considerados como fator de ressignificação da identidade indígena e da construção da memória da cultura indígena, nesse caso específico, a cultura Mbyá-Guarani. A memória, nesse contexto, tem importância ao dar voz e legitimidade aos indígenas que foram condenados ao esquecimento e ao silêncio (CARNEIRO DA CUNHA, 1992, p. 22). É, portanto, o registro da memória é o instrumento de transmissão da cultura e da história das sociedades ágrafas. Thompson afirma que,

as tradições transmitidas oralmente continuaram a desempenhar um papel importante na vida cotidiana de muitos indivíduos. E mais, as tradições mesmas foram transformadas à medida que seu conteúdo simbólico foi sendo assumido pelos novos meios de comunicação. A mediatização da tradição dotou-lhe de uma nova vida: a tradição se libertou das limitações da interação face a face e se revestiu de novas

características. A tradição se desritualizou; perdeu sua ancoragem nos contextos práticos da vida cotidiana. Mas o desenraizamento das tradições não as privou dos meios de subsistência. Pelo contrário, preparou-lhes o caminho para que se expandissem, se renovassem, se enxertassem em novos contextos e se ancorassem em unidades espaciais muito além dos limites das interações face a face. Por um longo tempo a questão indígena se manteve presa de um pensamento populista e romântico, que identificou o índio com o mesmo, e este, por sua vez, com o primitivo. E convertido em pedra de toque da identidade, o índio passou a ser o único traço que nos resta de autenticidade: esse lugar secreto onde subsiste e se conserva a pureza de nossas raízes culturais. Todo o restante não passa de contaminação e perda da identidade. O índio foi assim convertido no que há de irreconciliável com a modernidade e hoje privado de existência positiva (2008, p. 160).

Melià, Saul e Muraro tratam da importância da memória *Mbyá*-Guarani ao explicar que

os Guarani não são uma simples justaposição de sincronias distribuídas por diversos espaços geográficos, com denominações e modo de ser dialetalmente diferenciados. A etnia se articula também em torno de tradições e memórias que lhe dão profundidade e sentido histórico (1987, p. 55).

Le Goff (1984) diferencia cinco grandes momentos distintos de conservação e transmissão da memória coletiva, o primeiro seria a memória oral ou memória étnica presente nas sociedades ágrafas, o segundo é a memória de transição entre a oralidade e a escrita, característica do período da Pré-História à Antiguidade; o terceiro seria a memória medieval, momento de equilíbrio entre a memória oral e a escrita; o quarto seria o da memória escrita, do século XVI até a contemporaneidade. E, por último, a memória eletrônica, que sistematiza e agiliza o acesso às fontes por meio da informática.

De acordo com Freire (1992) todas essas etapas estão presentes contemporaneamente na construção da memória indígena, que sempre esteve codificada e elaborada em forma de discurso, constituindo elemento essencial do que se convencionou chamar de identidade, seja ela individual ou coletiva.

A relação da utilização das redes sociais, acessadas por meio de *smartphones*, com a cultura indígena *Mbyá*-Guarani levou essa pesquisa para muito além do que se espera. Levou à reflexão sobre as implicações dessa relação na construção da cidadania indígena, ou seja, na cidadania enquanto possibilidade de poder ser ouvido, de expressão enquanto grupo social marginalizado historicamente, que permite o encontro com o outro, com o diferente.

O desafio para os *Mbyá*-Guarani é aliar a utilização dos aparatos tecnológicos para narrar a sua história e difundir os seus costumes, seu *nhandereko*, a um agir para transformar a realidade em que vivem, na busca de qualidade de vida para esse povo.



Por meio da experiência netnográfica com os indígenas da aldeia *Yakã Jú* foi possível perceber nitidamente o esforço desse grupo à manutenção do modo tradicional de vida *Mbyá-Guarani* por meio das postagens nas páginas pessoais da rede social *facebook* de cada um dos indígenas que utilizam essa ferramenta.

Sendo assim, os indígenas da aldeia *Yakã Jú* não deixaram de vivenciar aspectos imprescindíveis que caracterizam a identidade cultural *Mbyá-Guarani*, vivenciam seu *nhandereko*, diante da sua inserção em contextos interativos, com a utilização das redes sociais como o *facebook*, conseguindo manter viva a memória da sua cultura, por meio da ressignificação cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se objetivou, com êxito, nesse trabalho, foi demonstrar que a apropriação de elementos culturais externos, como a utilização das redes sociais como o *facebook* e os *smartphones* para tanto, não têm como consequência direta a perda da identidade cultural indígena como dizia na década de 90 o cientista político Jaguaribe (1994).

Por meio de movimentos locais e nacionais os povos indígenas vêm se articulando, sobretudo por meio de novas formas de organização que fortalecem sua presença no país. É nesse contexto de intensificação do contato que esses povos têm tido a oportunidade de reafirmar sua diferença cultural no país e lutar pelos seus direitos de cidadania. Assim, a apropriação da tecnologia, quando garante contato e comunicação entre as culturas, fortalece as diferenças culturais e permite um novo olhar sobre suas próprias especificidades que passam a ser valorizadas nesse novo contexto.

Os povos indígenas se fortalecem em situações de comunicação, isso porque, com a utilização das redes sociais como *facebook*, selecionam, reconstróem e fortalecem a cultura e suas manifestações, as quais desejam preservar para as futuras gerações. Assim, a utilização das redes sociais pelos *Mbyá-Guarani* da aldeia *Yakã Jú* pode ser apenas um ato individual, despojado de sentido coletivo, entretanto, pode ser um ato transformador, de construção de vínculos comunitários, de pertença, de registros da memória, de conquistas de direitos, de construção da cidadania e da ressignificação da diferença cultural. Aí reside o poder de transformação da realidade.

## REFERÊNCIAS



- ALVAREZ, S. E., DAGNINO, E., ESCOBAR, A. (Org.); **A cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOURDIEU, P. **A distinção**. São Paulo: Zuk/EDUSP, 2006.
- CUNHA, M. Carneiro (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo, Cia. das Letras, 1992.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- FAUSTINO, Rosângela. Religião guarani nhandewa: uma complexa organização e recriação para a vida e a educação. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 7, p. 47-71, maio 2010.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. Tradição oral e Memória indígena: a canoa do tempo. In: Salomão, Jayme (dir.) América: **Descoberta ou Invenção**. 4º Colóquio UERJ, Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- JAGUARIBE, Hélio. **Folha de São Paulo**, 2 de setembro de 1994.
- LE GOFF, Jacques: “Memória”. **Enciclopédia Einaudi**. V.I. Memória – História. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 11- 50.
- LEITE, José Adércio Sampaio. **A constituição reinventada pela jurisdição constitucional**. Belo Horizonte: Del Rey, 2002.
- MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. 3a. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.
- MELIÀ, B.; SAUL, M.V.A; MURARO, V.F. **O Guarani: uma bibliografia etnológica**. Santo Ângelo: Fundação Nacional PróMemória/ FUNDAMES, 1987.
- MUÑOZ, Maritza Gómez. Saber indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. In: LEFF, Enrique (Coord.). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.
- PEREIRA, Eliete da Silva. Nos meandros da presença étnica na rede digital. In: FELICE, Massimo Di. **Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social**. São Caetano do Sul – SP. Difusão, Ed. 2008.
- PERUZZO, Cicilia M. K. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. In: **Contemporânea - Comunicação e Cultura**, v.11, n.01, jan-abril 2013, p. 138-158. Disponível em: <https://rigs.ufba.br/index.php/contemporaneapocom/article/download/6980/6087> Acesso em: 25 de julho de 2017.
- \_\_\_\_\_. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaboraões no setor. **Palavra Clave: Revista da Facultad de Comunicación**. Cundinamarca/Colombia, Universidad de La Sabana, v. 11, n. 2, p. 367-379, dez. 2008.
- SILVA, Caetana Juracy Rezende. Pensando a educação profissional e tecnológica integrada à educação escolar indígena. In: CLAUDINO, Zaqueu Key. **Educação indígena em diálogo**. Pelotas: UFPEL, 2010.
- SILVA, Lídia J. Oliveira L. Globalização das redes de comunicação: uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais. In: ALVES, José Augusto; CAMPOS, Pedro e BRITO, Pedro Quelhas (coord.). **O Futuro da Internet – Estado da arte e tendências de evolução**. Lisboa: Centro Atlântico, 1999.



THOMPSON, John B. **A mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia.** Tradução de Wagner de O. Brandão. Leonardo Avritzer rev.10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.